

Coluna do Castello

Mudanças só se derrubarem Collor

Ainda que seja rejeitado pelo Congresso o veto presidencial às limitações relativas a prazo de filiação e capacidade de partidos de registrar candidatos a presidente da República, não é provável que novas condições legais influam a curto prazo na armação da sucessão federal. Somente alterações importantes do quadro político poderiam determinar revisão das decisões tomadas pelos partidos e pelos sistemas de força articulados em torno dos atuais postulantes. Não é previsível, portanto, que surja na área em que disputa Fernando Collor de Mello outro candidato a menos que as pesquisas registrem colapso da popularidade do ex-governador de Alagoas, o qual, ao contrário do desejo de políticos, cresce de pesquisa em pesquisa como se verá neste fim de semana quando da publicação da nova sondagem realizada pelo Ibope.



Na faixa dos grandes partidos, PMDB e PFL, a substituição das candidaturas de Ulysses Guimarães, já aprovada pela convenção nacional, e de Aureliano Chaves, vencedor das eleições prévias realizadas no âmbito da agremiação, também não deverá acontecer a não ser que uma evidente rejeição dos nomes escolhidos torne insuportável sua permanência na disputa. No caso de Ulysses Guimarães, um político obstinado e lutador, parece impossível que tal coisa venha a acontecer, embora quanto a Aureliano haja condicionamentos que poderão levar o próprio candidato a abrir mão da sua candidatura, já não para dar lugar a outro correligionário do PFL mas para abrir ao partido a chance de promover coligações adequadas eleitoral e politicamente.

Também não há nomes que se imagina possam surgir no cenário dessa disputa com possibilidade de atrair o interesse do eleitorado. As hipóteses de trabalho continuam as mesmas, o empresário Antonio Ermírio de Moraes, eterno pólo de atração dos que sonham com um administrador profissional para gerir o país, e Jânio Quadros, o ex-presidente que, invocando motivos de saúde, desistiu expressamente de candidatar-se. Na realidade os espaços a que ambos poderiam aspirar estão preenchidos por Fernando Collor de Mello, não só no discurso janista de tipo moralista como na imagem de homem moderno e objetivo que os industriais de São Paulo passaram a ter do jovem ex-governador das Alagoas. Tudo indica, portanto, que o quadro permanecerá o mesmo pelo menos até que fatos novos alterem ou substituam o pano de fundo.

Quanto ao êxito crescente da candidatura de Collor é inútil atribuí-lo, como o fez recentemente o governador Miguel Arraes, ao estímulo da mídia jornalística e eletrônica. Os espaços ocupados por ele o foram não por favorecimento das empresas ou dos profissionais de informação mas como consequência de fatos que ele criou ou que propiciou independentemente da ação das forças que normalmente operam os movimentos de opinião, como os partidos, a imprensa, os sindicatos de operários ou de empresários, a Igreja, a Universidade, etc. Esses fatos são do conhecimento geral e o mais remoto — ao qual se deve o pontapé inicial — terá sido a ofensiva de Collor contra os *marajás* de Alagoas, uma denúncia e uma luta que atenderam à expectativa da opinião popular cansada da fisiologia política, do nepotismo, da mordomia, etc. Essa campanha deu-lhe repercussão nacional e a partir daí não foi estranhável que, ao se revelar candidato a presidente, recebesse a expectativa de voto favorável de 3 a 4% do eleitorado.

Já agora com a campanha em curso e na falta de alternativa mais convincente, Collor ultrapassa os 40% das preferências eleitorais, ainda que a cinco meses da eleição, tempo suficiente para que as oscilações naturais do eleitorado incidam sobre o quadro geral. Leonel Brizola, que tem uma base política e eleitoral irremovível, debate-se para manter seu distante segundo lugar, enquanto Lula decai das preferências e Ulysses, com toda a mobilização do PMDB, mal alcança os 7% das preferências de um eleitorado que deveria ser tão cativo da sua candidatura quanto o foi em 1986 da legenda do PMDB. Se não derrubarem Collor, ele irá em frente e seu nome não terá substituto apesar da resistência da política tradicional de direita e de esquerda contra seu projeto pessoal.

Volta Marco Maciel

De volta da sua viagem por França, Bélgica e Alemanha, países nos quais se atualizou com o movimento liberal internacional, o senador Marco Maciel, desde ontem no Recife, realiza reuniões para se atualizar e definir sua posição dentro do PFL, que à sua candidatura preferiu nas prévias a de Aureliano Chaves. A idéia do senador é que, tendo se submetido às prévias, está fadado a acatar seu resultado. Sente todavia que, no Recife, em Florianópolis, em Porto Alegre, no Rio e em Brasília continua a resistência ao nome do candidato indicado pelas prévias.

Carlos Castello Branco